

Água clandestina

A estiagem aqueceu o comércio paralelo de água na região metropolitana de São Paulo. Para garantir o abastecimento e fugir das tarifas altas cobradas pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), consumidores residenciais, comerciais e industriais têm recorrido a poços artesianos e empresas de caminhões-pipa. Para atendê-los há, nos dois casos, umas poucas companhias idôneas e um número muito maior de empresas clandestinas. Essa "pirataria" das águas tem trazido grande prejuízo ao meio ambiente e ameaçado a saúde da população. Milhares de poços artesianos clandestinos são perfurados em São Pau-

lo, colocando em risco os lençóis freáticos da região. Desde a última longa estiagem, ocorrida em 2001, especialistas alertam para o perigo do uso irracional das águas subterrâneas que, em pouco tempo, poderão ser atingidas pelos mesmos problemas que ameaçam as superficiais: poluição e escassez.

Estatísticas não oficiais apontam para a existência de 1 milhão de poços artesianos em todo o Brasil, 700 mil deles, clandestinos. No Estado de São Paulo, o Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee) cadastrou ou outorgou 15 mil poços, mas estima a existência de 40 mil. Na Grande São Paulo, apenas 4,8 mil são autorizados num total que deve chegar a 12 mil poços.

A discrepância dos números se repete quando analisadas as empresas de perfuração de poços e as que entregam água

usando caminhões-pipa, que atuam na região metropolitana. Os donos de empresas idôneas calculam a existência de cem perfuradoras em todo o País, a maioria em São Paulo. Acreditam, no entanto, que existam outras 300 clandestinas. No Estado, existem 250 empresas de caminhões-pipa cadastradas, mas estima-se que pelo menos o dobro atue ilegalmente, extraindo a água de poços mal localizados e usando veículos impróprios. Em entrevista ao jornal *Diário de São Paulo*, a gerente de Marketing da Sabesp, Maria Lúcia

Tiballi, afirmou ter o registro de casos em que caminhões-pipa usados como limpa-fossas foram fretados para o transporte de água.

Pesquisa realizada pela Sabesp com 31 empresas de caminhões-pipa legalizadas revelou que a maioria não tem mais de três anos de funcionamento e que 97% delas retira água de poços artesianos. Quase 70% de seus clientes compram água motivados pela economia, já que o preço do metro cúbico no mercado paralelo varia entre R\$ 3,50 e R\$ 10,00, enquanto a Sabesp cobra tarifas progressivas, divididas em categorias (residencial, comercial, industrial e pública).

Sanitaristas alertam para os problemas de saúde que essa tentativa de fazer economia pode acarretar. Há risco de contaminação por agentes biológicos e químicos – como mercúrio e chumbo – na extração ilegal da água e seu transporte indevido. Doenças como hepatite A, cólera e difteria também são transmitidas por água contaminada.

Poços irregulares abastecem de água a população da capital